

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA INFÂNCIA: DO COTIDIANO A LITERATURA

Cintia Baião Barros Tavares¹
Luisa de Marillac Ramos Soares²

RESUMO

É indiscutível que as relações interpessoais circundam o ser humano. Desde o nascimento, a criança necessita do outro, por isso é constituída de relações inicialmente por seu grupo familiar estendendo-se a outros grupos sociais, a exemplo da creche e pré-escola. Objetivou-se com o presente estudo discutir acerca das relações interpessoais na infância compreendendo como um processo imprescindível para o desenvolvimento integral da criança enquanto sujeito construído socialmente. Analisou-se também as relações interpessoais na Literatura Infantil intitulada “O reflexo” de Stephane Lay. Para a construção deste trabalho utilizou-se como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica, como referencial teórico recorreu-se a compreensão de autores como: Soares, Gomes, Tavares, (2019); Rodrigues (2015); Almeida (2014); Leite (2010); Freire (2005); Guareschi (1998). Conclui-se que na infância o reconhecimento de si e do outro é indispensável para a formação da criança enquanto sujeito social, tal como exemplificada na literatura infantil, na qual observou que embora Hugo, o personagem da histórica fosse solitário, ele aspirou uma pessoa para ser seu amigo e lhe fazer companhia, independente das suas características egoístas, evidencia a necessidade essencial dos seres humanos serem sujeitos sociais.

Palavras-chave: Relações Interpessoais, Infância, Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

Na abordagem walloniana, historicamente, o homem é um ser geneticamente social, o qual necessita de interações com o outro para se constituir enquanto ser humano. É indiscutível que desde o nascimento, o bebê necessita do outro para sobreviver. A relação que o recém-nascido estabelece, mais precisamente, com a mãe (ou a pessoa que cuida diretamente dele) vai se ampliando para outras pessoas fora do seu meio familiar, outras esferas sociais, como: escola, igreja, praças, grupos comunitários, etc e a partir dessas relações, permeada de afetos quer sejam positivos ou negativos, a cultura é transmitida para a criança, contribuindo na construção de sua identidade. (FREIRE, 2005; ALMEIDA, 2014; SOARES, GOMES, TAVARES, 2019).

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, cintiabdeb@email.com;

² Professora orientadora: Doutorado em Educação, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, marillacrs@gmail.com

Na Educação Infantil, a criança tem a oportunidade de conviver com seus pares. À medida que esta se relaciona com as demais crianças, dá prosseguimento ao processo de reconhecimento de si, iniciado na família, sendo capaz de distinguir o eu do outro.

Objetiva-se com o presente estudo discutir acerca das relações interpessoais na infância compreendendo como um processo imprescindível para o desenvolvimento da criança enquanto sujeito social. Analisou-se também as relações interpessoais na Literatura Infantil intitulada “O reflexo de Stephane Lay, cujo enredo descreve uma história em que o personagem chamado Hugo Centrik era um homem muito rico, que vivia recluso numa alta torre. Ele não tinha amigos, só empregados domésticos, que os considerava como objetos destinados a servi-lo.

METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho utilizou-se como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica, que segundo Fonseca (2002, p. 32), “a pesquisa bibliográfica é feita a partir de um levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros artigos científicos, páginas de *web sites*”. Desse modo, o presente estudo está estruturado em dois tópicos, o primeiro objetiva-se discutir sobre a importância das relações interpessoais para a construção do eu e do outro na infância. O segundo, descreve a análise no que tange as relações interpessoais em um livro de literatura infantil.

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA INFÂNCIA

Durante a gestação, os bebês necessitam de cuidados em prol da sua sobrevivência e desenvolvimento integral, ou seja, precisam do Outro, mais especificamente da genitora. Após o nascimento, esta necessidade se expande, cada vez mais, a outros familiares e grupos sociais (escola, igreja, comunidade). Assim, “[...] todo indivíduo está povoado de outros grupos internos da sua história” (FREIRE, 2005, p. 02).

De acordo com Freire (2005) existem dois tipos de grupos: o primário e o secundário. O primeiro grupo (primário) que a criança participa é o familiar, em que os afetos são vivenciados de forma positiva ou negativa, no qual, cada pessoa exerce um papel diferente: “[...] Há o que sempre aguenta as situações difíceis, outro que deixa levar pelas situações emocionais, outro que ajuda a conter o ódio, outro que faz a mediação, outro que está sempre em divergência, outro que prefere está ausente [...]” (FREIRE, 2005, p. 02), por conseguinte,

frente a estes papéis, e das relações estabelecidas com o meio em que vive, que ela compreende o mundo e age de acordo com sua compreensão, instigando-a a se identificar ou ignorar.

Conforme a criança vai se desenvolvendo, além do grupo familiar, ela começa a participar de outros grupos (secundários), por exemplo, a creche ou pré-escola. Ao adentrar este espaço e ao explorá-lo a criança iniciará o processo de socialização e interação com os Outros (criança e adultos) possibilitando a construção de vínculos afetivos, mediante a confiança estabelecida entre as partes. Esta dará a continuação conhecimento de si, reconhecendo-se distinta, por meio da diferenciação do Eu e do Outro, expressas nas semelhanças e diferenças com o outro.

As crianças participam de vários grupos durante sua trajetória de vida, no entanto, comumente, na instituição de Educação Infantil se configura como o primeiro que ela participa. Para Freire (2005) o grupo é constituído por cinco papéis: Líder de mudança (leva adiante as tarefas, enfrenta conflitos, busca soluções, arrisca-se sempre diante do novo), Bode expiatório (quem assume as culpas do grupo), Porta-voz (ele consegue expressar, verbalizar, dar forma aos sentimentos, conflitos que muitas vezes estão latentes no discurso do grupo), Líder de resistência (traz para o grupo uma excessiva crítica provoca uma desidealização, produz assim um contrapeso às propostas do Líder de mudança) e Representante do silêncio (assume as dificuldades dos demais para estabelecer comunicação).

Embora esses papéis sejam incorporados, inconscientemente, pela pessoa no grupo em que está inserida, de acordo com a autora citada, o coordenador do grupo, nesse caso o/a professor/a, deverá diagnosticar esses papéis, os conteúdos emersos, as projeções, a fim de que não haja possibilidades de retaliação, exclusão ou qualquer forma de *bullyng* entre as crianças e que dentre os confrontos e conflitos se estabeleça as relações interpessoais positivas.

Quanto ao reconhecimento do eu e do outro na criança, Wallon (ALMEIDA, 2014, p. 601) argumenta que:

[...] a relação Eu-Outro permeia toda a constituição psíquica do indivíduo, desde quando recém-nascido (de forma sincrética, nebulosa) até a morte; que, conforme o indivíduo vai se reconhecendo como eu, também vai reconhecendo o Outro, pois a elaboração do Eu e do Outro para a consciência faz-se simultaneamente.

Frente ao exposto, compreendemos que a construção do Eu e do Outro ocorre concomitantemente. À medida que a criança reconhece o outro, ela vai construindo o conhecimento de si. Daí a importância das relações interpessoais positivas nos primeiros anos de vida da criança para a formação do eu, visto que, mediante as relações na infância isso irá influenciar na constituição da sua personalidade quando adulta.

Segundo Rodrigues (2015, p. 20) “as interações entre crianças fazem com que estas aprendam a confrontar-se com os seus semelhantes e a agir perante cada situação social. As crianças têm uma acentuada tendência para fazerem comparações entre elas e as outras crianças [...]”. Nessa acepção, as relações interpessoais entre as crianças são permeadas de conflitos que promoverão o desenvolvimento de habilidades para se relacionarem melhor com seus pares.

As relações interpessoais são construídas com simpatia e/ou antipatia. Seja na infância ou na vida adulta as relações são permeadas por amizades e inimizades, “e, na aproximação, as pessoas percebem diferenças muito grandes, tendem a afastar-se; a percepção de qualidades semelhantes, ou pelo menos, mutuamente aprovadas, tendem a fazer com que a amizade se torne cada vez maior.” (LEITE, 2010, p. 311).

A amizade na infância pode ser construída por meio de interesses, seja a uma brincadeira ou a um objeto, instigando assim a interação entre seus pares, que também pode se tornar facilmente em conflito, necessitando às vezes da mediação de um adulto para ajudar solucionar tal situação.

Para Rodrigues (2015, p. 16) as características individuais de cada criança influenciam a forma como elas interagem com os seus pares, pois existem crianças mais sociáveis e com vontade de interagir e existem crianças que se inibem [...] estando na presença de outros [...]. Nesse sentido, há crianças que tem facilidade na interação social e outras, em virtude da timidez, se retraem. Esses comportamentos dependem da personalidade de cada criança, assim como do meio que vive. Quanto mais estimulada em seu ambiente familiar, mais propício será para o desenvolvimento interacional da criança.

Há relevância das relações positivas na infância, visto que quando adulta, as experiências que a criança teve serão refletidas em suas atitudes. O teórico, filósofo e sociólogo Bauman (2004) defende que em decorrência da modernidade, as relações se constituem líquidas, portanto, o relacionar-se com o outro é marcado por relações frágeis sem uma solidez, pautadas em relações fluidas que se desfaz rapidamente. Nesse sentido, as

relações interpessoais, atualmente, sinalizam para relações movidas por interesses pessoais, sejam de caráter emocional, ascensão profissional ou financeira.

Na Educação Infantil, enquanto instituição educacional e direito social das crianças assegurado pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), faz-se necessário oportunizar às crianças experiências que promovam a socialização e interações com seus pares, permitido assim, relacionar-se com o outro no intuito de facilitar o processo de diferenciação do eu e do outro, as quais são vivências substanciais para a desenvolvimento integral da criança, visto que, a criança é um “Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, [...] produzindo cultura” (BRASIL, 2010, p. 12).

No tocante as interações entre crianças na Educação Infantil, Rodrigues (2015, p. 32) enfatiza que:

É importante, no que diz respeito à promoção das interações entre crianças, que o educador lhes dê liberdade de escolha não só nos momentos de brincadeira livre, mas também nos momentos de atividades dirigidas por ele, pois as crianças devem ser estimuladas a realizar atividades em conjunto. Seja em que circunstância for, é desejável que lhes sejam dadas oportunidades de escolherem com quem preferem ficar, pois só assim essas atividades serão importantes para as crianças e só assim elas contribuirão efetivamente para as suas aprendizagens.

Frente a isso, a autora salienta a importância da mediação docente no processo de interação e desenvolvimento de atividades coletivas entre as crianças, pois a interação das crianças com seus pares favorecem ao desenvolvimento da afetividade contribuindo para a construção do pensamento, do raciocínio, da comunicação.

A literatura infantil retrata bem o efeito das relações interpessoais na vida adulta. A exemplo da obra de Stephane Lay e Bourdon Giliane, O Reflexo, publicado pela editora Ciranda Cultural em 2011.

LITERATURA INFANTIL: AS IMPLICAÇÕES DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS TECIDAS NO LIVRO O REFLEXO

O livro “O reflexo” descreve uma história de um homem muito rico, recluso numa alta torre, chamado Hugo Centrik. Ele não tinha amigos, só empregados domésticos, que os considerava como objetos destinados a servi-lo. Passava a maior parte de sua vida na janela, debochando dos transeuntes. Muitas vezes, diante do espelho, ele dizia para si: - “Se ao

menos eu pudesse encontrar alguém digno de mim! Eu só aceitaria como amigo uma pessoa tão excepcionalmente bela, inteligente e respeitável como eu”.

Em um dia de grande solidão, quando ele se elogiava mais do que de costume diante do espelho, seu reflexo ganhou vida e saiu da moldura. Após isso, seu reflexo ajudou-o debochar ainda mais das pessoas do alto de sua torre. Os dias foram se passando, Hugo e seu reflexo continuavam a desprezar e humilhar as pessoas que observavam.

Os deboches foram aumentando até que um dia Hugo não via mais sentido no que estava fazendo, juntamente com seu reflexo, e desejou que ele fosse embora, porém, o reflexo com sua arrogância prendeu Hugo num armário e ocupou o seu lugar, até que a sua doméstica observou a ausência de Hugo, verificou que ele estava preso e o soltou. A partir daquele dia Hugo mudou suas atitudes em relação aos seus empregados e as demais pessoas que transitavam fora do castelo.

Nessa história, percebe-se que a relação de Hugo com os empregados, consistia na opressão, restringindo-se a contatos movidos pela necessidade de dependência do outro para lhe servir. No entanto, no decorrer do enredo, quando Hugo é preso por seu próprio reflexo e é encontrado e libertado por sua empregada, a história entre eles começa a mudar, e o opressor substitui suas ações por atitude mais humana e significativa. Nessa perspectiva, Guareschi (1998) defende que as relações estão em constantes mudanças, comparando-as, com ondas do mar, que estão em constante movimento.

Por outro lado, a relação que Hugo tinha com si mesmo era uma relação de unicidade e de arrogância, pois, ele vivia solitário e pensava que era melhor do que os outros. No cotidiano, depara-se constantemente com esse tipo de comportamento resultante de uma frustração quando não se reconhecia.

Para Guareschi (1998) o ser humano é um ser que necessita do outro, por este motivo somos seres incompletos, em que as relações são um constante devir que não se sabe ao certo o que irá acontecer no dia seguinte. Pode-se perceber que a relação entre Hugo e seu reflexo, por ~~um~~ certo momento era estável, todavia, quando o reflexo ganhou vida, e ele se deparou ~~em~~ que o outro que o habitava possibilitou enxergar a si próprio, rejeitou o comportamento indesejado e com o passar do tempo a relação entre eles se tornou instável.

Por conseguinte, Freire (2005, p. 2) acredita que num grupo há influências de um mundo interno que estão presentes no momento de qualquer ação “Por isso, nosso individual nada mais é que um reflexo; onde a imagem de um espelho que nos devolvem é a de um ‘eu’ que aparenta unicidade, mas que está composto por inumeráveis marcas das falas, presenças

de modelo dos outros”. Desta forma, não devemos negar a influência histórico-cultural dos nossos ancestrais, familiares mais recentes e diversos grupos sociais que contribuíram na formação da nossa identidade, nos constituindo enquanto pessoa.

Leite (2010) em seus escritos têm uma frase que retrata perfeitamente na história de Hugo, “a imagem que temos de nós mesmo não é, certamente, o retrato do que os outros veem em nós, mesmo porque os outros não vêem a mesma pessoa. Entretanto, sem a sucessivas imagens que os outros nos dão de nós mesmos, não poderíamos saber quem somos”. (LEITE, 2010, p. 305). Para que Hugo reconhecesse seu próprio eu, foi necessário seu desejo se tornar realidade e seu reflexo adquirir vida, para reconhecer que não há ninguém idêntico a ele, e que é necessário nos relacionarmos com o outro, porque é através do outro que reconhecemos e identificamos nosso eu.

Hugo não teve uma relação boa com seu reflexo, porém, tal experiência foi relevante para a construção do seu eu, pois permitiu reconhece-se e estar aberto a novas relações de amizades com aqueles que o circundava. Parafraseando Guareschi (1998) nós nos construímos a partir das relações com os outros, quer seja uma relação benéfica ou maléfica para o nosso ser, fato é, que para nós constituirmos como seres humanos, é indispensável nos relacionarmos com o outro, possibilitando assim, a formação do nosso próprio eu, a partir das semelhanças e diferenças.

Contudo, as relações tecidas durante a infância, influencia nas relações que o sujeito terá na fase adulta. Modificam as crianças ou as pessoas, tornando-as numa versão melhor ou não. Fato é, que o ser humano é resultado das relações estabelecidas no seu cotidiano, constantemente a interação com o outro, em sua maioria são movidas por interesses pessoais.

A construção do Eu e o Outro, salienta Almeida (2014, p. 603) que a singularidade do indivíduo se estabelece por meio dialético. Nesse contexto, Guareschi (1998, p. 153) faz a diferenciação entre singularidade e subjetividade

[...] entendo por singularidade como enfatizando a dimensão do ser humano enquanto um ser único irrepetível, absolutamente singular. Isso porque o estabelecimento de milhões de relações, cada um se apropria diferente de partes diversas do fenômeno ou da realidade com a qual entra em contato. [...] a subjetividade tenta dar conta da realidade que constitui o conteúdo do nosso ser [...]

Diante do exposto, a singularidade está ligada ao fato que cada pessoa, é um ser único, em suas diferenças. Por outro lado, a subjetividade aponta para que nós também sejamos os outros Outros, nos quais, fazem com que sejam estabelecidas relações diariamente, nos

constituímos como seres humanos. Assim, por mais que o reflexo de Hugo fosse fisicamente igual a ele, possuía suas singularidades, as quais foram apropriadas para Hugo até o momento que este percebeu que a relação com seu reflexo culminou num relacionamento maléfico.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Mediante o exposto, conclui-se que as crianças enquanto sujeitos sociais necessitam das relações interpessoais para sua formação social, para seu desenvolvimento integral. Na Educação Infantil devem ser oportunizadas experiências que possibilitam a construção do conhecimento de si e conseqüentemente a diferenciação do Eu-Outro.

As relações entre crianças estimulam o desenvolvimento das funções superiores como o pensamento, o raciocínio, a comunicação, além de possibilitar a sensibilidade e a empatia ao outro. A interação na infância comumente resulta na existência do conflito, o qual possibilitará o reconhecimento do desejo pessoal de cada criança.

Na literatura “O reflexo”, foi perceptível como as relações entre os personagens são mutáveis, o mesmo acontece nas relações tecidas diariamente, que por vezes são movidas por desejos, ou interesses pessoais suscitando em relações frágeis, ora desfazendo ou refazendo laços com novas pessoas.

Por meio da análise das relações interpessoais na literatura infantil, observou-se que, embora Hugo fosse solitário, ele aspirou uma pessoa para ser seu amigo e lhe fazer companhia e resgatou o seu Outro interior, independente das suas características egoístas, identifica-se a necessidade essencial dos seres humanos serem sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. A questão do Eu e do Outro na psicogenética walloniana. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2014, vol.31, n.4, pp.595-604. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2014000400013&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 20 out. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília, 2010. Disponível em <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em out. 2018.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira**. Brasília, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em out. 2018.

FREIRE, Madalena. **O que é um grupo?** 2005. Disponível em: <http://www.famema.br/ensino/pdd/docs/oqueeumgrupo.pdf> acessado em: 20 out. 2018.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GUARESCHI, Pedrinho. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, Ângela (org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1998.

LEITE, Dante Moreira. Educação e relações interpessoais. In: PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à psicologia escolar**. 4ª ed. São Paulo: casa do Psicólogo. 2010.

LAY, Stephane; GILIANE, Bourdon. **O Reflexo**. Ciranda Cultural. 2011.

RODRIGUES, Joana Costa. **As relações interpessoais entre crianças em contexto de Creche e de Jardim de Infância**. Instituto Politécnico de Setúbal. (Relatório do Projeto de Investigação Mestrado em Educação Pré-Escolar), 2015.

SOARES, Luisa de Marillac Ramos; GOMES, Cristina da Silva; TAVARES, Cíntia Baião Barros. Quem sou eu e quem são os outros nas relações interpessoais: diálogos possíveis. In.: COELHO, Raimunda de Fátima Neves; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira (Orgs.). **Ética, Bioética e Controle Social da Ciência**. Fortaleza: Imprece, 2019.